

REVOLUÇÃO DOS CRAVOS. IMAGEM E MITOLOGIA

LIDIA JORGE¹

ABSTRACT. *The Carnation Revolution. Image and Mythology.* Eduardo Gageiro's photograph showing a soldier about to take the portrait of dictator Salazar off the wall at the political police headquarters the day after the Portuguese Revolution of April 25, 1974 evokes a major and symbolic turn in the overthrow of the regime and works as an allegory of change. Yet after all these years, the outcome of that revolutionary dream spurred on by utopian desire remains complex, and its realisation in the form of democracy conceals the loss of lustre of the initial dream. In the light of this apparent contradiction, it is worth revisiting the circumstances that galvanized the revolution and the benefits obtained in terms of rights and freedom, as illustrated by Literature. Fiction, in particular, amplifies History by its storytelling of myths in a space where human desire takes on a role of reconstructing invisible realities. It is in this context that the book entitled *Les mémorables (The Outstanding)* finds its place.²

Keywords: *revolution, carnations, myth, utopia, history, outstanding.*

REZUMAT. *Revoluția garoafelor. Imagine și mitologie.* Fotografia lui Eduardo Gageiro reprezentând un soldat pe punctul de a da jos portretul dictatorului Salazar de pe peretele sediului poliției politice la o zi după Revoluția Portugheză din 25 aprilie 1974 evocă o turnură majoră și simbolică în răsturnarea regimului și funcționează ca alegorie a schimbării. Însă, după atâția ani, bilanțul visului revoluționar încurajat de dorințe utopice rămâne unul complex, iar concretizarea lui ca democrație ascunde pierderea strălucirii visului inițial. În lumina acestei aparente contradicții, merită să revenim asupra condițiilor ce au influențat revoluția și asupra câștigurilor obținute sub forma drepturilor și a libertății, așa cum o evocă Literatura. Ficțiunea, în special, amplifică Istoria prin povestirea miturilor, într-un spațiu unde dorința umană preia rolul de reconstrucție a realităților invizibile. În acest plan se înscrie volumul ce poartă titlul *Les mémorables (Neuitații)*.

Cuvinte cheie: *revoluție, garoafe, mit, utopie, istorie, neuitați.*

¹ **Lídia JORGE**, écrivaine portugaise, est née en Algarve, le Sud de son pays, et a vécu en Afrique pendant la période de la Guerre Coloniale. Les changements de la vie au Portugal après la Révolution, et ses rapports personnels avec Angola et Mozambique, traversent toute son œuvre. Elle appartient au groupe d'auteurs européens de fiction qui écrivent sur l'effondrement des empires. Son œuvre est traduite en vingt langues. E-mail : lidia-jorge@sapo.pt.

² The abstract has been translated into English and Romanian by Ioana-Gabriela Nan.



O acervo fotográfico que resultou da Revolução dos Cravos, ocorrida em Lisboa, que teve o seu momento de arranque na madrugada do 25 de Abril de 1974, e que depois se prolongaria por vários dias, ou meses, ou mesmo anos, reveste-se de uma riqueza impressionante. Através da junção das imagens dos cinco ou seis fotógrafos mais emblemáticos que fizeram a reportagem das primeiras horas, consegue-se revisitar um dos momentos mais comoventes da História europeia do último quartel do século XX. A primeira imagem que aqui nos convoca tem precisamente como autor Eduardo Gajeiro, o mais célebre de todos esses fotógrafos. Segundo o relato do próprio, foi captada na manhã do dia 26 de Abril, na sede da polícia política, a temível PIDE-DGS, quando os intérpretes da Revolução ainda não se haviam posto de acordo sob a forma de extinguir a instituição que conhecia de cor a história dolorosa dos resistentes portugueses ao longo de quase cinco décadas. Passado um dia após a capitulação do regime, finalmente, os militares entravam na sede da polícia política para dismantelar os seus efectivos e os seus símbolos. É então que, sob o comando de um superior, um soldado dependura a imagem de Salazar da parede, e os fotógrafos captam esse instante marcante.

Trata-se de uma imagem singular. Desde 1933 que a fotografia de Salazar se encontrava pendurada nas paredes fronteiriças de todas as escolas

do país, todas as instituições do Estado, todos os recintos públicos. Gerações haviam nascido, crescido, tido filhos e alguns deles morrido, sem conhecerem outro regime. Salazar parecia eterno, e à data nem a sua morte recente havia feito abrandar a força do seu mito. Depois de uma esperança passageira que logo se desvanecera, o seu sucessor, Marcelo Caetano, parecia estar disposto a prolongá-lo sem fim à vista. Mas agora a imagem de Salazar descendo, sob um fundo branco, numa fotografia de contornos lisos, gráficos, a preto e branco, representando um frágil de entre os frágeis, ao derrubar a imagem daquele que os resistentes imaginavam eterno, assume uma simbologia extravagantemente emblemática. Sobre o ziguezague do movimento do soldado, carregando a fotografia inclinada, imagina-se o sussurro de todo um povo dizendo – Finalmente, chegou o dia!

Aliás, muitas e diversas são as fotografias simbólicas desses momentos revolucionários inaugurais. De entre tantas, as mais emblemáticas ainda talvez sejam aquelas que representam a mistura da população com os militares, impedindo que houvesse um banho de sangue por iniciativa das forças governamentais, e ao mesmo tempo incitando a que os soldados e oficiais avançassem até à queda inequívoca do regime. As mais emocionantes são aquelas que mostram jovens sentados sobre os carros militares, quando os cravos já haviam sido distribuídos, e os tanques surgem ornados de rapazes e raparigas segurando flores, no meio dos soldados, numa força unida, atestando que não se tratava apenas de um golpe militar, mas de um movimento revolucionário, no seu sentido mais amplo. A fotografia de Rui Ochôa, mostrando um grupo de jovens cidadãos sentado sobre um desses tanques, de mistura com soldados e sargentos, na sua simetria e disposição em leque, talvez seja das mais belas entre as mais belas. Como curiosidade, nela se pode ver como no início do 25 de Abril, nem todos os cravos eram vermelhos, alguns eram cor-de-rosa e outros brancos. Mas só os portugueses podem compreender o alcance e o significado do pluricromático, ou do monocromático dessas flores, em relação ao futuro democrático, jogado nessas primeiras horas na Baixa de Lisboa. Aventuras, algumas delas dramáticas, desencadeadas em nome do ideal unitário ou, pelo contrário, em nome do ideal do pluralismo ideológico. E aí entramos nas contradições da Revolução Portuguesa, ou talvez na contradição que mina os movimentos revolucionários de todos os tempos. Na verdade, fazer coincidir as revoluções com a explosão da esperança, e os tempos que se lhe seguem com a desilusão e o acabrunhamento, resulta de uma certa verificação da História. Mas, ainda assim, semelhante ideia não deixa de ser uma simplificação do pensamento. Escreveu o filósofo espanhol Ortega & Gasset, tomando como certo o imperativo da desilusão – *“Nas revoluções, a abstracção tenta a sublevar-se contra o real: por isso o fracasso é consubstancial às*

revoluções". O que significa que, na sua ideia, a realidade não suporta a utopia. Mas existe um adjectivo ausente que escapou à observação do filósofo. É que onde se lê que a *abstracção tenta sublevar-se contra o real*, deveria ler-se contra o *real insuportável*. É precisamente porque a dado momento da História o real se torna insuportável, que as utopias são importantes para não deixarem sem dono a violência que atinge os homens quando injustiçados.

Em Portugal, a minha geração conheceu essa revolução, desejou-a e fê-la porque o real se tinha tornado insuportável. Sobre esse movimento singular, ocorrido em Lisboa, Samuel Huntington escreveu que ele tinha sido, pelo seu formato pacífico, o primeiro de muitos outros que se lhe seguiram ao longo do último quartel do século XX. Ainda recentemente, quando as revoluções da chamada Primavera Árabe eclodiram, vários dos seus mentores se reclamaram dessa mesma intenção pacificadora, fazendo-se seus descendentes. Infelizmente, o mundo tornou-se outro, e o propósito da não violência deu lugar a um paradigma de confronto que está povoando os dias de hoje de horas de mau agoiro. Não foi o que aconteceu nas movimentações de há quarenta, trinta, vinte anos atrás. Não foi o que aconteceu na revolução portuguesa. Na revolução do 25 de Abril, uma série de coincidências invulgares presidiu a um golpe militar que se desenrolou de forma dramática, primitiva e rude, e ao mesmo tempo invulgarmente bela e honrada, e tudo isso na altura comoveu o mundo. Como se disse, o seu palco mais visível foi Lisboa, e os lugares onde decorreu o assalto ao poder totalitário de então tornaram-se espaços transfigurados que continuam a agir sobre o imaginário colectivo e lá permanecem intocáveis. Assim, a grande dádiva da revolução não foi apenas a mudança de regime e a melhoria de vida que a democracia permitiu. A principal oferta que essa revolução propiciou foi deixar escrito em todas as paredes de Lisboa que as gerações devem procurar mudar o mundo à sua volta quando a realidade se torna insuportável. Dizer que a mudança é possível foi, e continua a ser, a principal oferta que a geração a que pertenceo tem oferecido às gerações mais jovens, desmentindo o mito cínico de que a realidade é sempre mais forte do que o sonho de a transformar. Nesse desmentido, a Literatura, designadamente a Ficção, tem uma palavra única a dizer, já que se lhe permite fantasiar a descida ao recôndito das almas para mostrar como, para os momentos de mudança, convergem medos e coragem, imprudência e risco, e a generosidade cega que habita os impulsionadores, aqueles a quem os antigos chamaram heróis, mas nós, porque sabemos de que modo, às cabeças em fogo podem corresponder pés de barro, apenas chamamos de memoráveis.

"Os memoráveis" foi o título que dei ao meu último livro. O seu ponto de vista localiza-se nos tempos baços da normalidade democrática, e os olhos

pelos quais a revisitação é feita são olhos de jovens que desconhecem os dilemas do passado, ou só por reverência os desejam conhecer, já que estão legitimamente voltados para o futuro, que não tem costas, e como sempre, só ele é a sua verdadeira morada. Por isso me empenhei que, nessa narrativa, três jovens fossem ao encontro de alguns dos cinco mil memoráveis que fizeram a revolução portuguesa. Mas não quis que fossem visitar essas figuras nas suas formas reais. Os memoráveis surgem como se há muito tivessem desaparecido, regressando à vida, transfigurados. Foi essa a forma que encontrei para poder surpreendê-los no seu estado de louca lucidez. Como se tivessem feito uma volta por baixo da Terra, de modo a surgirem vindos do futuro com a sua memória alucinada para poderem explicar a distância que sempre vai entre o desejo da pureza inicial de uma revolução e a manutenção delicada daquilo que lhe sobeja. Imaginei-os ressuscitados para darem conta, também, de como o alcance de uma revolução determina a qualidade do momento seguinte. Para mostrarem ainda como, depois de se entrar na ressaca da festa da esperança colectiva, o que se lhe segue é mais exigente, porque as utopias não morrem por si mesmas, elas desaparecem quando, no plano individual, se deixa de proceder a uma revolução interior permanente. Por isso mesmo, escrever sobre revoluções e suas sequências, nunca é escrever sobre a abstração da História, implica antes mergulhar no interior do conflito humano e escutar a pulsação do coração profundo dos homens. Sobeja, pois, a pergunta - de que História estamos a falar?

Descendentes que todos somos do Holocausto, não têm conta as representações da História procurando descrevê-la como entidade terrífica, aterrorizada pelo efeito das suas próprias catástrofes. Anjos da História de asas petrificadas que não deixam margem para a esperança da sublevação humana contra o seu destino. Prefiro adoptar uma imagem mais promissora. Aquela que faz da História uma mãe adormecida, que mal dá à luz as gerações, de cansada, abandona os braços, deixando cair os filhos, para só voltar a acordar e a protegê-los, ao som da sua chamada. Gosto, pois, de imaginar que existem momentos de vigília da História, quando se abrem rasgões de esperança no tempo, feitos pelo poder da reclamação humana. Momentos luz que podem durar apenas um dia, mas que ficam iluminando o caminho por vir. Pois se é legítimo amontoar as catástrofes de forma retroactiva, diante do anjo, surpreendido pelos efeitos da sua devastação, porque não será legítimo seriar os momentos em que os homens fizeram acordar a História adormecida, pelo efeito da sua reclamação? Creio que é isso mesmo que a narrativa das revoluções conta aos contemporâneos, oferecendo-lhes em vez de historiografia, fábulas. A narrativa afasta-se da História, inventando fábulas, precisamente porque se quer libertar dos factos que atam os homens ao mundo determinado. A

narrativa que nós tecemos alimenta deliberadamente o Mito. Ao alimentarmos o Mito, e não a História, estamos a oferecer uma proposta de recusa da realidade, exigindo uma solução futura que ainda não está à vista. Talvez nós não o ousemos dizer, mas o que estamos a fazer em conjunto, cada um em sua língua, e invocando momentos diversos das nossas histórias locais, constitui porventura um longo e colectivo panfleto que reclama uma nova convivência à face da Terra. Na verdade, todo o Mito é panfletário. Ele alimenta-se da ideia de que mereceríamos uma outra História, e uma outra natureza que está por inventar.

BIBLIOGRAFIA

- Bernardino Gomes e Tiago Moreira de Sá, *Carlucci vs. Kissinger, os EUA e a Revolução Portuguesa*, Publicações Dom Quixote, Lisboa, 2008.
- Eduardo Lourenço, *Os Militares e o Poder*, Editora Arcádia, Lisboa, 1975.
- José Jorge Letria, *O Homem do Tanque da Liberdade*, Terramar Editorial, Lisboa, 2004
- Maria Manuela Cruzeiro, *Do Interior da Revolução – Vasco Lourenço*, Âncora Editora, Lisboa, 2009.
- Otelo Saraiva de Carvalho, *Alvorada em Abril*, Livraria Bertrand, Lisboa, 1977.
- Paulo Moura, *Otelo, o Revolucionário*, Publicações Dom Quixote, Lisboa, 2012.
- Revista do Semanário Expresso*, 1973/1982, Imagens que Fizeram História, Lisboa, 6 de Abril, 2012.
- Salgueiro Maia, *História da Guerra Colonial e do 25 de Abril – Depoimentos de Salgueiro Maia*. Editorial Notícias, Lisboa, 1994.
- Samuel P. Huntington, *The Third Wave of Democratization in the Late Twentieth Century*, Norman and London, University of Oklahoma Press, USA, 1991.
- Sousa e Castro, Alexandre Honrado, João Pinto Rebelo, *Capitão de Abril, Capitão de Novembro*, Editora Guerra & Paz, Lisboa, 2009.